



Mary Shelley

FRANKENSTEIN

OU O PROMETEU MODERNO

EDIÇÃO COMENTADA

Tradução, apresentação e notas:
Santiago Nazarian

Tradução dos anexos:
Bruno Gambarotto



Apresentação

“IT’S ALIVE! IT’S ALIVE!”

“Está vivo!” Esta talvez seja a mais célebre frase de *Frankenstein*, quando o cientista louco, em meio a raios e trovões de uma noite de tempestade, consegue em seu laboratório gerar a vida. Por meio da eletricidade, a criatura move um braço, e então o dr. Frankenstein exclama alucinadamente para seu assistente corcunda: “Está vivo! Está vivo!”

É uma cena clássica que muitos associam ao romance de Mary Shelley, porém ao ler o livro pela primeira vez poderão se surpreender: nem a frase, nem o uso dos raios, nem o assistente corcunda estão presentes no texto original. *Frankenstein* é um caso típico de romance que ganhou vida e mitologia próprias.

O cientista como um velho louco e maldoso, o assistente corcunda chamado Igor, o monstro de cabeça chata, pele verde recosturada e parafusos no pescoço, de andar lento e mente primitiva: hoje, muito do que sabemos da história vem mais de recriações e representações cinematográficas que do texto literário. O monstro seria totalmente inocente? Foi criado com o cérebro de um criminoso? Havia também uma criatura feminina, a noiva de Frankenstein? Eu mesmo, ao iniciar a releitura (tinha lido *Frankenstein* na adolescência, há mais de vinte anos), fui derrubando lembranças infundadas que me foram inculcadas por adaptações da obra – criando remendos de origem incerta, tão órfãos como a criatura dessa história.

Como se poderá constatar na leitura desta tradução, o cientista Victor Frankenstein é na verdade um jovem estudante de origem nobre, e há diversas alusões à sua beleza física, provavelmente derivadas do modelo que a autora usou para criá-lo: seu amado marido, o poeta romântico e filósofo Percy Bysshe Shelley. Victor trabalha sozinho, sem assistente, em segredo (o mais perto que temos da figura de Igor é seu amigo Henry Clerval, que nada tem de corcunda e nem mesmo toma conhecimento dos experimentos do

jovem cientista), num quarto de estudante (não num castelo medieval, como retratado em muitas adaptações); e assim como não há indicações precisas sobre os métodos que trouxeram a criatura à vida – fato justificado no texto pela apreensão do cientista de que a experiência seja reproduzida –, Mary Shelley também não descreve em detalhes a criatura, deixando os horrores à imaginação do leitor. O que recebemos é isso:

A pele amarela mal encobria a atividade dos músculos e das artérias; o cabelo era comprido e de um preto lustroso; os dentes, de um branco perolado; mas esses luxos só formavam um contraste mais horrendo com os olhos aguados, que pareciam quase da mesma cor dos buracos acinzentados nos quais estavam cravados, e com a compleição enrugada e lábios pretos retos.

A criatura tampouco é batizada. Ao longo do texto é chamada por todo tipo de impropério: “monstro”, “demônio”, “desgraçado”, “miserável”, “abominação”. Assim, não deixa de ser irônico e ao mesmo tempo providencial que o sobrenome de seu criador seja hoje sinônimo da criatura. Mais que isso, “Frankenstein” (ou, na pronúncia abasileirada popular, “Franquistem”) representa hoje mais do que um único personagem, tendo se tornado uma *espécie* de monstro tão identificável como um zumbi, um vampiro, ou “um êmen”. Chegou mesmo a adjetivo, sinônimo de uma criação remendada e malsucedida.

Mítica também é a origem do romance – que teria sido fruto de uma competição de histórias de terror entre autores célebres como o poeta romântico inglês Lord Byron (1788-1824), o já mencionado Percy Shelley (1792-1822) e sua esposa, Mary. De fato, essa é uma lenda com fundamento, com origem no verão de 1816, enquanto Mary, então prestes a completar dezenove anos, passava férias com o marido em Genebra, Suíça.

Nascida em 30 de agosto de 1797, em Londres, na Inglaterra, Mary Wollstonecraft Godwin é filha de William Godwin e Mary Wollstonecraft. Seu pai, um filósofo e escritor ateu, havia se tornado célebre por suas posições radicais contra o governo. Sua obra *Enquiry Concerning Political Justice*

(Inquérito acerca da justiça política), publicado em 1793, propagava ideias anarquistas, colocando as instituições políticas como uma força corruptora da sociedade. A mãe de Mary era uma feminista pioneira, autora conhecida de *A Vindication of the Rights of the Woman* (Uma defesa dos direitos da mulher, 1792). Os dois se conheceram num círculo de amigos intelectuais e, apesar de criticarem publicamente a instituição do casamento, se uniram em março de 1797, já com uma gravidez avançada. O casamento durou pouco; cinco meses após a união e dez dias após dar à luz Mary, sua mãe faleceu devido a uma infecção contraída no parto. William Godwin se casou novamente quando Mary tinha quatro anos. A madrasta, Mary Jane Clairmont, lhe trouxe dois irmãos agregados: Charles (de sete anos) e Jane (da mesma idade de Mary), que se tornou uma grande amiga e companheira pela vida.

Aos dezesseis anos, Mary começou um relacionamento com o futuro marido. Como muitos autores e intelectuais da época, Percy frequentava a casa de Godwin, que também possuía uma pequena editora. Encantado com a adolescente, Percy abandonou sua primeira esposa, grávida do segundo filho, para ficar com Mary, o que inicialmente enfureceu seu antigo mentor. Em 28 de julho de 1814, os dois fugiram da Inglaterra para o continente com a irmã por afinidade de Mary, que a essa altura adotara o nome artístico de Claire (a partir de Clairmont, seu sobrenome). Harriet, a primeira esposa de Shelley, viria a se suicidar, afogando-se, em 1816, grávida de um amante desconhecido. Percy Shelley morreu pouco antes de completar trinta anos, afogado num acidente de barco, em 1822.

Os dramas do parto, que acompanharam Mary desde o nascimento, com a morte de sua mãe, se seguiram em seu casamento com Shelley. Três de seus quatro filhos tiveram mortes precoces, ainda na infância – o primeiro ainda em 1815, quando Mary tinha dezessete anos –, o que talvez explique a relação conflituosa de paternidade em *Frankenstein*. Seu único filho que chegou à idade adulta foi Percy Florence Shelley (1819-89).

Filha de escritores, Mary sempre foi estimulada por seu marido a seguir a carreira. E seus círculos de amizade no meio literário favoreceram isso. Antes de *Frankenstein*, em 1817 Mary já havia publicado *History of a Six Weeks*

Tour (História de uma turnê de seis semanas), em coautoria com Percy. O livro traz um relato turístico da viagem feita por eles em companhia de Claire por parte da França, Suíça, Alemanha e Holanda, com cartas narrando a navegação pelo lago de Genebra e as geleiras de Chamouni. Não foi um sucesso de vendas, mas teve boas críticas e muito de seu estilo romântico de descrição de paisagens foi aproveitado nas viagens do célebre romance que Mary escreveria em seguida.

A criação de *Frankenstein*, em 1816, se deu em Campagne Chapuis, um chalé em Genebra, próximo de onde Lord Byron havia se estabelecido após deixar a Inglaterra. Fugindo do clima melancólico de Londres, Mary, Percy e Claire se depararam com um verão suíço atipicamente chuvoso, o que os confinou por dias dentro de casa. Na companhia de Byron, com quem Claire se relacionava na época, e do médico John William Polidori, os amigos liam “histórias de fantasmas”, quando Byron sugeriu o desafio de cada um escrever um conto no gênero. Os homens seguiram entusiasmados com a tarefa, porém as mulheres não se sentiram tão inspiradas. Mary relata que inicialmente nada vinha à sua mente, ela não se via como ficcionista: “Sentia a vazia incapacidade da invenção, que é a maior miséria da autoria”, descreveu ela. Até que, certa noite, uma conversa entre Percy e Byron – “da qual eu era ouvinte devota, mas quase silenciosa” – sobre “a natureza do princípio da vida” instigou sua imaginação.

Talvez o círculo intelectual a que Mary pertencia a tornasse mais propensa ao interesse pelas especulações científicas do que pelo caráter sobrenatural e fantástico das “histórias de fantasmas”. Hoje não são raras as análises que consideram *Frankenstein* mais uma obra de ficção científica *gótica* do que puramente de horror. De fato não há uma base *sobrenatural fantástica* no romance. Toda a argumentação da história se dá através da razão científica e filosófica; o despertar da criatura é justificado cientificamente, e sua inteligência e capacidade de comunicação se dão pelo aprendizado e leitura de obras clássicas.

Com essas ideias em mente, Mary foi dormir naquela noite gestando as primeiras imagens do cientista que gera uma criatura monstruosa. “Foi numa lúgubre noite de novembro que contemplei a conquista de meus pesados trabalhos” é a frase com que ela iniciou seu romance, em junho de 1816

(e que na versão definitiva se encontra no capítulo 5).¹ A história de Mary, que fascinou seus amigos naquelas férias, foi transformada num romance por encorajamento de seu marido. Em poucos meses, em maio de 1817, aos dezenove anos, Mary Shelley terminou *Frankenstein ou O Prometeu moderno*, que foi publicado anonimamente menos de um ano depois, em janeiro de 1818.

As primeiras críticas foram em sua maioria negativas, pelo absurdo da trama e a identidade obscura do autor. O *Quarterly Review*, importante periódico de literatura e política da época, publicou no número de março:

O romance não incute uma lição de conduta, modos ou moralidade ... fatiga os sentimentos sem interessar a compreensão; molesta gratuitamente o coração e apenas acrescenta uma sensação dolorosa... o leitor é deixado numa luta entre risada e pavor, em dúvida se é a mente ou o coração do autor que é mais doentio.

Ainda assim, o sucesso de público foi quase imediato. Em 1821 saía a primeira edição traduzida para o francês e em 1823 estreava a primeira adaptação para o teatro. Mesmo que ainda hoje possam se apresentar ressalvas ao romance, sua longevidade e o caráter atemporal de seus conceitos são uma prova de sua força. *Frankenstein* é sem dúvida um dos romances de horror mais famosos e influentes da história, rivalizado apenas por *Drácula*, de Bram Stoker (publicado quase oitenta anos depois, em 1897).

A primeira versão para o cinema foi feita nos Estados Unidos, em 1910, um curta-metragem mudo de dezesseis minutos, dirigido por J. Searle Dawley.² Curiosamente, nessa versão, a criatura (interpretada por Charles Ogle) é trazida à vida por uma mistura química de um caldeirão, um esqueleto que vai ganhando carne, num efeito bastante impressionante para a época. Ela aqui ostenta uma vasta cabeleira desgrenhada, mas já possui a cabeça

1. Da competição entre os amigos também resultou “O vampiro”, de Polidori, aproveitando ideias de Byron, conto que é considerado hoje um precursor do gênero romântico de vampiros.

2. Esta primeira versão de 1910 está em domínio público e pode ser encontrada facilmente em sites de compartilhamento de vídeos, como o YouTube.

chata que se tornaria marca registrada do personagem. O desfecho do curta é bastante simbólico: a criatura é vencida ao se contemplar no espelho, seu reflexo então se torna o de seu criador, Victor, com o monstro se revelando uma alucinação ou um aspecto doentio de sua própria personalidade – remetendo aí a outro clássico da literatura de horror: *O médico e o monstro*, do escocês Robert Louis Stevenson (publicado em 1886).

Desde então inúmeras adaptações foram feitas – incluindo seriados de TV, desenhos animados, peças de teatro, quadrinhos e videogames –, porém a versão cinematográfica da Universal, de 1931, dirigida por James Whale, permanece como a mais célebre. Ainda que pouco fiel ao romance, o filme consagrou a imagem pela qual se reconhece Frankenstein até hoje, criada pelo maquiador grego Jack Pierce, responsável por outras caracterizações célebres do cinema de terror na época, como o Drácula interpretado por Bela Lugosi (também num filme da Universal, de 1931). O inglês Boris Karloff, que interpretou a criatura de Frankenstein, reprisou o papel diversas vezes em continuações e paródias e tornou-se um dos atores mais famosos do gênero de horror. A Universal aproveitou a história como uma franquia, lançando *A noiva de Frankenstein* (1935), também dirigido por Whale, e *O filho de Frankenstein* (1939), dirigido por Rowland V. Lee, ambos com Karloff como monstro. Isso ajudou a sedimentar o visual que o estúdio criou para a criatura como a representação “oficial” (ou ao menos a mais conhecida). Mesmo versões de grande orçamento, como *Frankenstein de Mary Shelley*, de 1994, dirigida por Kenneth Branagh (na esteira do sucesso de *Drácula de Bram Stoker*, dirigida por Francis Ford Coppola em 1992), com Robert de Niro no papel da criatura, não conseguiram estabelecer outra imagem para o personagem na cultura popular: se não tem a aparência do monstro de Karloff, não parece ser “o verdadeiro Frankenstein”. (A primeira tradução do romance que eu li, nos anos 1990, inclusive, publicada pela Ediouro, trazia na capa um desenho reproduzindo a aparência clássica do monstro da Universal.)

Mary Shelley nunca escreveu uma continuação para sua história, nem mesmo se aventurou novamente na literatura de horror. Seu segundo romance, *Mathilda*, escrito entre 1819 e 1820, narra uma relação incestuosa entre pai e filha, escrita no auge da depressão de Shelley pela morte prematura de seus filhos. Ela, no entanto, realizou diversas alterações em *Frankenstein*

ao longo de sua carreira. Além da primeira edição anônima em três volumes, de 1818, foi publicada uma segunda em dois volumes, em 1823, já trazendo o nome da autora. A terceira edição, de volume único, foi publicada em 1831. A tradução aqui presente foi baseada nessa edição, considerada a definitiva pela autora, contendo todas as suas revisões finais, mas mantendo a divisão dos três volumes originais.

Uma das principais modificações feitas por Mary Shelley entre a primeira e essa última versão diz respeito à identidade de Elizabeth, originalmente uma prima do cientista Victor, adotada pela família Frankenstein após a morte da mãe. Na versão definitiva, tal parentesco foi alterado para afastar conotações incestuosas, embora ela continue a ser chamada de “prima”, como um tratamento carinhoso. Os primeiros dois capítulos do romance foram estendidos, aumentando a introdução do marinheiro em suas viagens pelos mares do Norte, até encontrar Victor no gelo. Mary também tornou mais vagas as referências científicas – que com o passar do tempo iam sendo testadas e descartadas –, o que muitos estudiosos veem como um prejuízo para a obra, pois com isso perdem-se as teorias científicas da época (ainda que o romance tenha o mérito de eternizar conceitos científicos, como o galvanismo, para o grande público). Apesar de Mary manter a dedicatória para seu pai na edição final do romance, muitas das ideias políticas de Godwin foram suavizadas, indicando uma menor influência dele sobre os pensamentos da filha. Por fim, Mary aumentou o caráter nostálgico de Victor durante suas viagens, remetendo a seu amado Percy, já falecido. Seu marido é tido como a maior inspiração para a criação de Victor Frankenstein, assim é compreensível a fascinação excessiva com que o descreve o Capitão Walton, o marinheiro que sente “amargamente a falta de um amigo ... gentil e ainda corajoso”; a paixão da autora pelo personagem, transposta para um mundo masculino, talvez tenha conferido à obra um involuntário homoerotismo:

Quando, em certa medida, ele se recuperou, eu o removi para minha própria cabine e cuidei dele tanto quanto meu dever permitia. Nunca vi criatura mais interessante; seus olhos têm geralmente uma expressão de selvageria, e até loucura, mas há momentos em que, se alguém tem um ato de bondade para

com ele ou lhe oferece o serviço mais insignificante, toda a sua fisionomia se ilumina com um raio de benevolência e doçura que nunca vi igual.

Devo então perder esse ser admirável! Ansiei por um amigo; procurei alguém que se solidarizasse comigo e me amasse. Veja, nestes mares desertos, encontrei exatamente isso; mas temo que o tive apenas para conhecer seu valor e perdê-lo. Eu o reconciliaria com a vida, mas ele parece repelir a ideia.

Muitas das influências do romance são citadas textualmente através das leituras de Victor Frankenstein e da criatura: os estudiosos de filosofia natural, como Cornelius Agrippa e Paracelso; as experiências com eletricidade de Luigi Galvani; autores como Dante, Milton e Goethe; e obviamente Byron e Shelley.

O nome Frankenstein em si já possuía uma ligação histórica com a alquimia. Sua tradução é “Pedra dos Franks”, ou “Pedra dos francos”, sendo esse o antigo povo germânico que deu origem à França. Em Hesse, estado no centro da Alemanha, há ainda hoje o Castelo de Frankenstein, onde em 1673 nasceu Johann Conrad Dippel (morto em 1734), um alquimista profissional que criou “o elixir da vida”, um óleo de origem animal, obviamente sem efeitos comprovados. Também há boatos de que Dippel estudava anatomia em cadáveres e fazia experimentos com eletricidade. Não por acaso, muito do que conhecemos hoje do personagem Victor Frankenstein remete mais a essa figura (pelo castelo, o uso de cadáveres e da eletricidade) do que ao próprio romance. Apesar de não haver menção ao castelo no livro, tampouco qualquer referência direta a Dippel, sabe-se que Mary Shelley viajou pelo Reno em 1814 e visitou a cidade de Gernsheim, na Alemanha, a quinze quilômetros do Burgo Frankenstein.

A referência mais objetiva da autora encontra-se no subtítulo do romance, curiosamente pouco reproduzido nas diversas edições mundiais: *O Prometeu moderno*. O mito de Prometeu vem da Antiguidade grega. Há diversas versões para a história desse titã, filho de Urano, ao qual foi dada a tarefa de criar os animais e que do barro inventou o homem. Esse é o traço básico que o liga ao romance de Shelley, deixando claro que o Frankenstein chamado de Prometeu moderno é Victor, o criador, e não a criatura. A principal base de Shelley para esse mito veio de *Prometeu acorrentado*, tragédia

do grego Ésquilo, na qual Prometeu é condenado por Zeus por roubar o fogo dos deuses e dá-lo aos homens. Entretanto, a ideia central do romance de Mary Shelley tornou-se tão conhecida e influente que sua importância mítica hoje é maior até que a do clássico grego: quem hoje conhece a história de Prometeu? Por outro lado, quem não conhece o monstro de Frankenstein?

Interessante notar o aspecto moral contido no romance – com Victor sendo punido por ter passado por cima de uma “autoridade superior” ao gerar a vida –, remetendo mais à Antiguidade grega que à ideologia cristã; o conflito do personagem parece advir mais de ter se aventurado “além da capacidade humana” que de invadir o campo de um Deus cristão. As vagas referências cristãs no romance parecem ser mais traços dos personagens, para estabelecer valores reconhecíveis da época, do que da autora. O nome de Cristo, por sinal, não é citado nem uma única vez (o que parece derivar das inclinações agnósticas de sua família). Porém há referências constantes ao Velho Testamento, como a criação de Adão e a condenação de Lúcifer.

Mary Shelley morreu em 1^a de fevereiro de 1851, aos cinquenta e três, após anos com intensas dores de cabeça e problemas de visão que os médicos da época suspeitaram serem frutos de um tumor no cérebro. Deixou seu filho Percy e a nora, Jane, com quem morou nos últimos anos de sua vida. Não teve netos.

A leitura de *Frankenstein* se prova mais eterna do que atemporal. Certamente há um pesado estilo datado da época, muitas vezes rebuscado e redundante, que empresta um charme especial à obra. Os costumes registrados também podem parecer hoje bastante machistas (as ideias feministas da mãe de Mary Shelley devem figurar hoje na camada mais básica de uma sociedade dita igualitária), paternalistas e mesmo racistas; a cena em que Elizabeth é resgatada da pobreza pela família Frankenstein, apenas por ser loira e bela, teria gerado um massacre à autora, se escrita atualmente.

As biografias e análises desta apresentação servem para ampliar a discussão sobre o texto, sem intenção de incorrer em *spoilers* (se é que isso existe numa história tão conhecida). O romance certamente ainda guarda muitas surpresas e reviravoltas aos que chegam a ele agora, quem sabe vindos das adapta-

ções mais recentes. Só de 2014 para cá foram feitas duas grandes produções para o cinema: *Frankenstein, entre anjos e demônios*, filme de ação dirigido por Stuart Beattie, baseado numa *graphic novel*; e *Victor Frankenstein*, de Paul McGuigan, com James McAvoy como Victor e Daniel Radcliffe como o incongruente Igor. Danny Boyle, diretor de *Trainspotting*, dirigiu uma versão para o teatro em 2011. Victor e a criatura também são personagens de destaque da série de TV americana *Penny Dreadful* (2014-16), e a TV britânica lançou a série *The Frankenstein Chronicles*, em 2015, sobre o mito em torno da criatura. A história parece ter a capacidade eterna de se moldar a diferentes tendências e roupagens, de acordo com a época.

Duzentos anos depois, mais do que nunca, pode-se exclamar com louvor sobre Frankenstein: “Está vivo! Está vivo!”

SANTIAGO NAZARIAN

Santiago Nazarian é tradutor, roteirista e autor de romances que flertam com o suspense e o terror psicológico. Entre as dezenas de obras que traduziu estão os clássicos *O Mágico de Oz*, de Frank L. Baum, *A lenda do cavaleiro sem cabeça*, de Washington Irving, e *Os filhos de Odin*, de Padraic Colum.

VOLUME UM

CARTA I

Para a sra. Saville, Inglaterra

São Petersburgo, 11 de dezembro de 17—

Você vai gostar de saber que nenhum desastre ocorreu durante o início do empreendimento que você encarou com presságios tão sombrios. Cheguei aqui ontem; e minha primeira tarefa é assegurar minha querida irmã de meu bem-estar e da confiança crescente no sucesso da empreitada.

Já estou bem ao norte no mapa, em relação a Londres; e conforme caminho pelas ruas de Petersburgo sinto uma fria brisa polar brincar com minhas bochechas, o que detém meu nervosismo e me enche de prazer. Você compreende a sensação? Essa brisa, que migrou das regiões em direção às quais avanço, me antecipa o gosto daquele clima gelado. Inspirados por esse vento de promessa, meus sonhos diurnos se tornam mais ferventes e vívidos. Tento em vão ser convencido de que o polo é apenas geleira e desolação; mas ele sempre se apresenta à minha imaginação como a região de beleza e prazer. Lá, Margaret, o sol é sempre visível, seu amplo disco apenas roçando o horizonte e difundindo um esplendor perpétuo. Lá – permita-me, minha irmã, depositar certa confiança em navegadores precedentes –, neve e geleira são banidos; e, viajando num mar calmo, seremos levados a uma terra que ultrapassa em maravilhas e em beleza cada região até aqui descoberta neste globo habitável. Seus traços e características podem não ter igual, como o fenômeno dos corpos celestiais sem dúvida é nessas solidões não descobertas. O que não esperar de uma terra de luz eterna? Lá, descobrirei talvez o maravilhoso poder que atrai o ponteiro² e empreenderei milhares de observações celestiais que requerem

2. O ponteiro da bússola, sempre atraído para o Norte magnético.

apenas esta viagem para conferir eterna consistência a suas aparentes excêntricas. Saciarei minha ardente curiosidade com a visão de uma parte do mundo nunca antes visitada, e poderei avançar numa terra nunca antes marcada pelo pé do homem. São essas as minhas motivações, e são suficientes para vencer todo o medo do perigo da morte e me induzir a iniciar essa laboriosa viagem com o prazer que uma criança sente quando entra num barquinho com seus colegas de férias numa expedição de descoberta pelo rio de sua cidade. Mas, supondo que todas essas conjecturas sejam falsas, você não tem como contestar o inestimável benefício que poderei propiciar a toda a humanidade, até a última geração, ao descobrir uma passagem perto do polo para países que atualmente demandam tantos meses para serem alcançados; ou ao comprovar o segredo do magnetismo que, se de todo for possível, somente poderá ser realizado por um empreendimento como o meu.

Essas reflexões dissiparam a agitação com a qual comecei minha carta, e sinto meu coração iluminado com um entusiasmo que me eleva aos céus; pois nada contribui tanto para tranquilizar a mente como um propósito firme – um ponto no qual a alma pode fixar seu olhar intelectual. Esta expedição foi o sonho favorito de meus primeiros anos. Li com ardor os relatos de várias viagens cujo objetivo era chegar ao oceano Pacífico Norte pelos mares que cercam o polo. Você deve se lembrar de que a biblioteca de nosso bom tio Thomas consistia inteiramente de histórias de expedições. Minha educação foi negligenciada, mas ainda assim eu era apaixonado por leitura. Esses volumes foram meu estudo dia e noite, e minha familiaridade com eles aumentou o pesar que senti, quando criança, ao saber que a imposição de meu pai moribundo proibira meu tio de permitir que eu embarcasse numa vida de marinhagem.

Essas visões se apagaram quando mergulhei pela primeira vez na leitura daqueles poetas cujas exaltações hipnotizaram minha alma e a elevaram aos céus. Também eu me tornei um poeta, e por um ano vivi num paraíso de minha própria criação; imaginei que também poderia obter um lugar no templo onde os nomes de Homero e Shakespeare³ estão consagrados. Você

3. Homero, poeta da Antiguidade grega, autor de épicos como *Iliada* e *Odisseia*. William Shakespeare (1564-1616), poeta e dramaturgo inglês, autor de clássicos como *Romeu e Julieta*, *Hamlet* e *Sonho de uma noite de verão*.

conhece bem o meu fracasso e sabe o quanto essa decepção me pesou. Mas, bem naquela época, herdei a fortuna de meu primo, e meus pensamentos se voltaram para suas primeiras inclinações.

Seis anos se passaram desde que me decidi pela presente missão. Posso até me lembrar do instante em que comecei a me dedicar a esse grande empreendimento. Iniciei habituando meu corpo à adversidade. Acompanhei os baleeiros em várias expedições ao mar do Norte; suportei, voluntariamente, frio, fome, sede e sono; com frequência trabalhava mais duro que os marinheiros comuns durante o dia e dedicava minhas noites ao estudo da matemática, à teoria da medicina e aos ramos da física dos quais uma aventura marítima poderia extrair a maior vantagem prática. Por duas vezes, de fato me empreguei como ajudante num baleeiro da Groenlândia, e conquistei admiração. Preciso dizer que fiquei um pouco orgulhoso quando meu capitão me alçou a segundo-imediate na embarcação e pediu com a maior sinceridade que eu permanecesse, de tão valiosos que ele considerava meus serviços.

E agora, querida Margaret, será que não mereço conquistar algum grande feito? Minha vida poderia ter sido de luxo e sem percalços; mas preferi a glória a qualquer sedução que a riqueza tenha colocado em meu caminho. Oh, que alguma voz encorajadora me responda afirmativamente! Minha coragem e resolução estão firmes; mas minhas esperanças oscilam, e meu espírito frequentemente se encontra deprimido. Estou prestes a seguir numa longa e difícil viagem, cujas contingências vão exigir toda a minha força: caberá a mim não apenas elevar o moral dos outros, mas às vezes sustentar o meu próprio quando o deles vacilar.

Esta é a melhor época para viajar na Rússia. Os trenós voam rapidamente na neve; o movimento é prazeroso e, na minha opinião, muito mais agradável do que o de uma diligência inglesa. O frio não é excessivo, se você estiver envolto em peles – uma vestimenta que já adotei, pois há uma grande diferença entre caminhar no convés e permanecer sentado imóvel por horas, sem qualquer exercício que evite que o sangue congele de fato em suas veias. Não tenho ambição de perder a vida na estrada entre São Petersburgo e Arcangel.⁴

4. Capital da província de Arkhangelsk, no noroeste da Rússia, ao norte de São Petersburgo.

Devo partir para essa última cidade em duas ou três semanas; e minha intenção é lá contratar um navio, o que pode ser feito facilmente pagando-se o seguro para o proprietário, e tantos marinheiros quanto achar necessário entre os que estão acostumados a caçar baleias. Não pretendo velejar antes de junho. E quando devo retornar? Ah, querida irmã, como posso responder a essa pergunta? Se tiver sucesso, muitos e muitos meses, talvez anos, terão se passado antes que você e eu possamos nos encontrar. Se fracassar, você irá me ver novamente em breve, ou nunca mais.

Adeus, minha querida e maravilhosa Margaret. Que o céu derrame bênçãos sobre você e, Deus queira, que eu possa de novo assegurar minha gratidão por todo o seu amor e a sua bondade.

Seu amoroso irmão,
R. Walton

CARTA II

Para a sra. Saville, Inglaterra

Arcangel, 28 de março de 17-

Como o tempo passa lento aqui, rodeado como estou por gelo e neve! Ainda assim, um novo passo é dado em direção à minha missão. Contratei uma embarcação e estou ocupado reunindo meus marinheiros. Aqueles que já empreguei parecem ser homens com os quais posso contar e certamente possuem uma coragem destemida.

Mas tenho um desejo que ainda não fui capaz de satisfazer; e sinto agora essa ausência como o mal mais severo. Não tenho amigos, Margaret. Quando estiver desfrutando o entusiasmo do sucesso, não haverá quem compartilhe meu prazer; se for tomado pela decepção, ninguém vai se esforçar para me afastar da tristeza. Devo dedicar meus pensamentos ao papel, é verdade; mas esse é um pobre meio para a comunicação de sentimentos. Desejo a companhia de um homem que possa se solidarizar comigo; cujos olhos respondam aos meus. Pode me considerar romântico, minha querida irmã, mas sinto amargamente a falta de um amigo. Não tenho ninguém perto de mim, gentil e ainda corajoso, de posse de uma mente elevada e capaz, cujos gostos sejam como os meus, para aprovar ou reparar meus planos. Como tal amigo poderia corrigir os defeitos de seu pobre irmão! Sou impetuoso demais na execução e impaciente demais nas dificuldades. Mas ainda é um mal maior para mim ser autodidata: pelos primeiros quatorze anos de minha vida, vivia solto por aí e nada lia além dos livros de viagem de nosso tio Thomas. Naquela idade, tomei conhecimento de célebres poetas de nosso próprio país; mas foi só quando deixou de estar em meu poder extrair os benefícios mais importantes de tal convicção que percebi a necessidade de me

tornar conhecedor de mais línguas do que a de meu país natal. Agora tenho vinte e oito anos e na realidade sou mais iletrado do que muitos estudantes de quinze. É verdade que tenho pensado mais, e que meus devaneios são muito mais extensos e magníficos, porém falta a eles (como dizem os pintores) *perspectiva*, e preciso fortemente de um amigo que tenha bom senso o suficiente para não me desprezar como romântico, e afeição o bastante para que eu me esforce por organizar minhas ideias.

Bem, essas são queixas inúteis; certamente não vou encontrar amigo algum no vasto oceano, nem mesmo aqui em Arcangel, entre mercadores e marinheiros. Ainda assim, mesmo nesses peitos rudes pulsam sentimentos não relacionados ao dejetivo da natureza humana. Meu tenente, por exemplo, é um homem de maravilhosa coragem e iniciativa; deseja loucamente a glória, ou melhor, para frasear com mais precisão, o avanço em sua profissão. É um inglês e, entre preconceitos nacionais e profissionais não amaciados pela cultura, retém alguns dos mais nobres dons da humanidade. Eu o conheci a bordo de uma embarcação baleeira; ao descobrir que estava desempregado nesta cidade, contratei-o facilmente para ajudar em minha missão.

O mestre é uma pessoa de excelente disposição, e é notável no navio pela gentileza e a disciplina tranquila. Essa circunstância, acrescida de sua bem conhecida integridade e coragem destemida, me deixou muito desejoso de contratá-lo. Uma juventude vivida em solidão, meus melhores anos passados sob sua tutela gentil e feminina, minha irmã, refinaram tanto as fundações de minha personalidade que não consigo superar uma aversão intensa à costumeira brutalidade exercida a bordo de um navio: nunca acredite que ela fosse necessária, e quando escuto sobre um marinheiro igualmente reconhecido por sua bondade no coração e o respeito e a obediência prestados a ele por sua tripulação, sinto-me peculiarmente afortunado por poder contratar seus serviços. Ouvi falar dele pela primeira vez de uma maneira bem romântica, por uma senhora que lhe deve a felicidade de sua vida. Esta é brevemente sua história. Há alguns anos, ele amou uma jovem russa de fortuna modesta e, tendo reunido uma soma considerável em dotes, o pai da menina consentiu com o casamento. Ele viu a amada uma vez antes da fatídica cerimônia, mas ela estava banhada em lágrimas e, jogando-se aos pés dele, implorou-lhe que a poupasse, confessando amar outro, mas

que este era pobre e seu pai nunca consentiria com a união. Meu generoso amigo confortou a suplicante e, ao ser informado do nome de seu amante, instantaneamente abdicou de sua concorrência. Já havia comprado uma fazenda com seu dinheiro, na qual planejara passar o resto da vida; mas entregou-a inteira a seu rival, junto com o que sobrava de seus dotes, para que comprasse gado; então ele próprio solicitou ao pai da jovem que consentisse com o casamento dela com o amado. Mas o velho recusou decididamente, achando-se preso por uma questão de honra ao meu amigo, que, quando notou que o pai estava irredutível, abandonou seu país sem voltar até ouvir que sua antiga amada se casara de acordo com suas inclinações. “Que sujeito nobre!”, você vai exclaimar. Ele é, sim; mas é totalmente inculto: é silencioso como um turco, e um tipo de descuido ignorante o assola, o que, embora torne sua conduta ainda mais espantosa, afasta-o do interesse e da simpatia que, caso contrário, ele provocaria.

Mas não pense que, porque reclamo um pouco ou porque concebo um consolo que jamais alcançarei para minha labuta, estou vacilando em minhas resoluções. Estas estão tão firmes quanto o destino, e minha viagem agora só se atrasa até que o clima permita o embarque. O inverno tem sido terrivelmente severo, mas a primavera promete, e espera-se que seja uma estação notavelmente precoce; então talvez eu possa navegar antes do que esperava. Não devo fazer nada impulsivamente: você me conhece o suficiente para confiar em minha prudência e consideração sempre que a segurança de terceiros está entregue aos meus cuidados.

Não posso descrever a você minhas emoções com a perspectiva próxima de minha empreitada. É impossível transmitir essa sensação trêmula, metade prazer e metade temor, com a qual estou me preparando para partir. Vou para regiões inexploradas, para a “terra de neblina e neve”, mas não matarei um albatroz que seja, portanto não se alarme por minha segurança ou se eu voltar a você tão gasto e lastimável quanto o “Velho Marinheiro”.⁵ Você vai sorrir com minha alusão; mas vou revelar um segredo. Frequentemente

5. Referência ao poema “A balada do Velho Marinheiro” (“The Rime of the Ancient Mariner”, 1798), do poeta inglês Samuel Taylor Coleridge, em que um marinheiro em águas glaciais mata um albatroz, trazendo má sorte para sua embarcação.

atribuo meu compromisso, meu apaixonado entusiasmo pelos perigosos mistérios do oceano, à produção dos mais imaginativos poetas modernos. Há algo operando em minha alma que eu não entendo. Estou quase diligente, minucioso, um operário a se dedicar com perseverança e labuta; mas, além disso, em todos os meus projetos, há um amor pelo maravilhoso, uma crença no maravilhoso que me apressa para longe dos caminhos comuns dos homens, até o mar selvagem e regiões não visitadas que estou prestes a explorar.

Mas voltemos a considerações mais estimadas. Será que irei encontrá-la novamente após ter atravessado imensos mares e voltado pelo cabo mais meridional da África ou da América? Não ousou esperar tal sucesso, ainda assim não posso suportar olhar para o outro lado da moeda. Continue por ora a escrever para mim a cada oportunidade: vou receber suas cartas quando mais precisar delas para sustentar meu ânimo. Eu a amo com ternura. Lembre-se de mim com afeto, se nunca mais souber de mim novamente.

Seu amoroso irmão,
Robert Walton

CARTA III

Para a sra. Saville, Inglaterra

7 de julho de 17—

Minha querida irmã,

Escrevo algumas linhas apressadas para dizer que estou em segurança – e bem avançado em minha viagem. Esta carta chegará à Inglaterra por um mercador que agora volta para casa, saindo de Arcangel; mais afortunado do que eu, que não poderei ver minha terra natal talvez por muitos anos. Porém estou num humor positivo: meus homens são fortes e aparentemente de propósitos firmes, nem as camadas flutuantes de gelo que continuamente passam por nós, indicando os perigos da região em direção à qual estamos avançando, parecem desmotivá-los. Já chegamos a uma latitude bem elevada; mas é alto verão, e, apesar de não ser tão quente quanto na Inglaterra, as ventanias do sul, que nos levam velozes em direção a essas praias que tão ardentemente desejo atingir, trazem um sopro de calor renovador que eu não esperava.

Nenhum incidente até então recaiu sobre nós que pudesse impressionar numa carta. Uma ou duas ventanias rigorosas e um princípio de vazamento são acidentes que navegantes experientes mal se lembram de registrar; e devo ficar bem satisfeito se nada de pior acontecer durante nossa viagem.

Adieu, minha querida Margaret. Assegure-se de que, para meu próprio bem, assim como o seu, não vou procurar impulsivamente o perigo. Serei frio, perseverante e prudente.

Mas o sucesso *deve* coroar meus esforços. Como não? Assim, longe eu fui, traçando um rastro seguro sobre mares não delineados: as próprias estrelas em si como testemunhas e provas de meu triunfo. Por que não pro-

ceder sobre o indomado ainda que obediente elemento? O que pode deter o coração determinado e a vontade decidida do homem?

Meu coração inchado involuntariamente assim se derrama. Mas devo encerrar. Que o céu abençoe minha amada irmã!

R.W.